

**ESTUDOS INICIAIS PARA A EDIÇÃO  
CRÍTICO-GENÉTICA DE “MEMORIAL DE AIRES”**

*Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima* (UFF)  
[fabianapatueli@gmail.com](mailto:fabianapatueli@gmail.com)

**RESUMO**

Esse texto se trata da proposta de uma edição crítico-genética do último romance de “Memorial de Aires”, de Machado de Assis. Para seu desenvolvimento futuramente, a pesquisa será dividida em três partes: levantamento do arcabouço teórico, recepção literária do romance nos periódicos da época, e cotejo da primeira edição (1908) com o manuscrito (1907). A partir de então, poder-se-á averiguar junto às demais edições as variações textuais adquiridas através do tempo. Por ora, apresentaremos alguns pontos, pelos quais passarão a elaboração da edição crítico-genética.

**Palavras-chave:**

Edição crítico-genética. Machado de Assis. Memorial de Aires.

**1. Introdução**

O último volume de romance publicado por Machado de Assis em vida foi bem recebido pela crítica literária nos periódicos da época, quase todos destacam a filiação do mesmo à vida privada do autor. Isso por que uma das personagens chama a atenção dos amigos do autor pelos traços que se assemelhavam a personalidade de falecida esposa, como podemos perceber em uma das cartas<sup>30</sup> de Mario de Alencar quando leu o manuscrito:

— Este, como os outros seus livros, como todos os livros pensados e acabados, ganha em ser relido. A perfeição exige ser meditada para ser sentida e entendida [...] Só podia escrevê-lo quem escreveu *Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó*, e *Várias histórias*. — *Memorial de Aires* tem a mesma força, a mesma novidade, e tem mais que os outros, com exceção de *Esau e Jacó* e *D. Casmurro*, o apuro da perfeição, e, sem exceção de nenhum outro, uma parte grande e admirável, que é efeito da colaboração de um sentimento novo, o mesmo que fez o soneto *A Carolina* e que nestas páginas traçou aquela figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo poderá admirá-la e há admirá-la como criação de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio do respeito pela doce evocação (ASSIS, 1944, p. 271-3) (Grifo do autor).

Pode-se dizer que a proximidade da publicação de “Memorial de Aires”, ao falecimento do autor em setembro de 1908, torna tais relações

---

<sup>30</sup> Correspondência datada de 16 de dezembro de 1907.

mais frequentes, sobretudo quando se considera o estado de ânimo do autor na época de sua elaboração.

E mesmo no formato de diário não podemos nos esquecer das habilidades do autor de nos trazer as questões da época por meio da sua ficção que no caso de *Memorial* são retomadas sob a perspectiva do conselheiro e da relação com os personagens por ele descritos. Por isso o autor adverte ao leitor no início do livro: “O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia” (ASSIS, 1977, p. 63).

Sob esta perspectiva Mônica Gomes da Silva em “O (su)posto em ‘Memorial de Aires’” destaca que há:

[...] um segundo plano de acontecimentos capitais à trama e que são contados e analisados, diplomaticamente, por Aires: a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República. Será a confluência entre ficção e história, na qual a história se ficcionaliza e a ficção se historiciza que acrescentará um novo grau de complexidade a esse romance. Somente a capacidade em evocar o assado consegue transformar um relato histórico em algo vivo e o relato ficcional como libertador do passado, trazendo à tona sentimentos e vozes antigas (SILVA, p. 5).<sup>31</sup>

E não é a toa que o tom dissimuladamente confidente e desprovido de qualquer intencionalidade é trazido por Machado de Assis que assina a “Advertência” na qualidade de editor do conselheiro Aires:

Tratando-se agora de imprimir o *Memorial*, achou-se que a parte relativa a uns dous anos (1888-1889), se for decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões, – pode dar uma narração seguida, que talvez interesse, apesar da forma de diário que tem. Não houve a pachorra de a redigir à maneira daquela outra, – nem pachorra, nem habilidade. (ASSIS, 1977, p. 62)

Essas primeiras impressões trazem-nos a justificativa imediata à retomada de uma perspectiva crítico-genética ao texto machadiano que nos transmite por meio de seus últimos fôlegos de autor à afecção de um personagem-autor – conselheiro Aires – e sua época com a intimidade própria de um vivente que mais descreve o que vê do que se aprofunda em si mesmo.

---

<sup>31</sup> Disponível em: [http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/O%20\(su\)posto%20em%20Memorial%20de%20Aires.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/O%20(su)posto%20em%20Memorial%20de%20Aires.pdf) Acesso em: abr. 2019.

## 2. Do manuscrito ao livro

O manuscrito foi preservado em papel timbrado pela Academia Brasileira de Letras. Datado de 1907 podemos averiguar o intervalo curto entre a elaboração do romance e sua publicação que já se daria no ano subsequente.

Para Machado de Assis, era certo que o livro se trataria de seu último romance, visto a idade, tal como confidencia em correspondências a Joaquim Nabuco (7/02/1907) e a Oliveira Lima (1/08/1908), respectivamente: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último” (ASSIS, 1944, p. 112).

[...] remeto um livro novo. Chamei-lhe *Memorial de Aires*. Mas este livro novo é deveras o último. Agora já não tenho forças nem disposição para me sentar e começar outro; estou velho e acabado. (ASSIS, 1944, p. 432-433, grifo do autor)

Nesse curto interstício de tempo, a leitura do manuscrito inédito coube a Mário de Alencar, que descreve o evento na correspondência de 16 de dezembro de 1907:

Disse-lhe hoje as minhas impressões da leitura de *Memorial de Aires*, mas receio não as ter dito bem e em ordem, e volto a ideia anterior de as exprimir por escrito. – Em primeiro lugar a emoção de prazer e de orgulho de ter em mãos, sob os meus olhos, com o seu consentimento, mas do que isso, por espontâneo oferecimento seu, o exemplar em provas de um romance não conhecido nem lido de ninguém. Há sentimentos que eu não sei nem saberei nunca dizer; ficam em mim para sempre, mal traduzidos, pelo gesto e pela palavra, porque não bastam ou porque eu temo dar-lhes um tom e maneira que pareçam intencionais [...] (ASSIS, 1944, p. 271-273, grifo do autor).

Já a publicação da primeira edição do romance não se daria antes de 16 de julho de 1908, haja vista as correspondências entre o autor e Mario de Alencar que comenta sobre a questão do atraso na distribuição do livro pela Garnier decorrente de problemas na alfândega.

Posteriormente, em 21 de julho do mesmo ano, Mario de Alencar comunica ter deixado um artigo no *Jornal do Commercio*. (ASSIS, 1944, p. 307-9). A crítica foi publicada em 24 de julho e congratula o autor:

Depois de haver escrito tantos livros originais, Machado de Assis achou ainda como ser original, compondo esse romance com uma expressão moral diferente da sua obra anterior e em feitura nova, de execução difícil, mesmo para as mãos firmes de um mestre consumado da arte.

[...] A maior dificuldade num romance desse feito é a escolha hábil de atos que o formem pelo seu seguimento e interesse, sem contudo deixa-

rem de ter a naturalidade da escritura dia a dia, a ausência de plano, a despreocupação de fazer romance, que é a feição própria de um jornal íntimo (MACHADO, 2003, p. 285-6)<sup>32</sup>

### 3. Exemplos da recepção em periódicos da época:

Já nos primeiros meses, principalmente com o falecimento do autor Machado de Assis, povoaram os jornais as críticas acerca de “Memorial de Aires”. Frequentemente, retratando-o como um testemunho incontestado do luto e do sentimento de tristeza dos últimos anos do autor:<sup>33</sup>

Quem procurar na sua obra os sulcos fundos de uma água-forte de Rembrandt com os seus prodígios de claro-escuro, terá errado o caminho. Saia da floresta umbrosa para a floresta amena e aí à luz branda e difusa de uma bela tarde de outono, leia em repouso o *Memorial de Aires* como quem contempla uma das gravuras, firme, nítida, mais leve, com que Rotticelli iluminou a primeira edição da *Divina comédia*.

Isto verá quem tiver olhos para ver e para admirar. Para aquele,<sup>34</sup> porém, que por meio século e mais um ano tem acompanhado de perto a tua obra literária e, — por que não dizê-lo? — os teus estados de alma. (JORNAL DO COMMERCIO, 6 set. 1908, p. 2) (grifo do autor)<sup>35</sup>

[...] o seu último livro publicado, esse “Memorial de Aires”, é uma prova de amor, do afeto imenso que dedicava à companheira desvelada dos seus dias felizes. Considerava que a função de amar era a função superior da sua espécie; ele supunha que amar e ser amado era a função mais nobre do nosso espírito. (O PAÍS, 1 out. 1908, p. 3)<sup>36</sup>

A agonia moral foi longa, muito mais longa e dolorosa do que a física. Mas ainda as letras brasileiras tiveram um grande lucro com essa tortura, que produziu o último livro do Mestre: o severo e suave *Memorial de Aires*, um poema de pureza e saudade, que é a glorificação dos “bem-

<sup>32</sup> Transcrição de Ubiratan Machado realizada de *Alguns escritos*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

<sup>33</sup> Além dos periódicos já recapitulados no texto, ainda encontramos referência a este romance do autor no ano da primeira edição nos seguintes: *A imprensa*, *Correio da manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*.

<sup>34</sup> Trata-se da publicação da carta sobre o romance de Salvador de Mendonça (Salvador de Meneses Drummond Furtado de Mendonça) para Machado de Assis.

<sup>35</sup> Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/364568\\_09/15678](http://memoria.bn.br/docreader/364568_09/15678)> Acesso em: 21 set. 2018.

<sup>36</sup> Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/17516](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17516)>. Acesso em: 20 set. 2018.

casados”, o canto luminoso erguido em louvor das almas que nascem aos pares. (O PHAROL, 1 out. 1908, p.1) (grifo do autor)<sup>37</sup>

Esse *Memorial de Aires*, livro ainda publicado este mês e que lhe prolongou a vida, como si vivesse para acabá-lo, é um discreto livro de amor, é o monumento à memória da que lhe foi a companheira querida da vida e que lhe vai ainda ser companheira na morte. Não sabia ele de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

“E amar e ser amada é, neste mundo,

A tarefa melhor da nossa espécie,

Tão cheia de outras, que não valem nada!...” (A IMPRENSA, 1 out. 1908, p. 1) (grifo do autor)<sup>38</sup>

Quem procurar na sua obra os sulcos fundos de uma água-forte de Rembrandt com os seus prodígios de claro-escuro, terá errado o caminho. Saia da floresta umbrosa para a floresta amena e aí à luz branda e difusa de uma bela tarde de outono, leia em repouso o *Memorial de Aires* como quem contempla uma das gravuras, firme, nítida, mais leve, com que Rotticelli iluminou a primeira edição da *Divina comédia*.

#### 4. Para uma edição crítico-genética

Dada a importância da obra machadiana desde a sua época e de modo a destacar o processo de escritura desse último romance, a pesquisa pretenderá reconstituir a gênese autoral de “*Memorial de Aires*” por meio dos cotejos entre o manuscrito do romance (1907) e a sua primeira edição (1908), trilhando para isso os caminhos dos estudos críticos-genéticos da obra.

A crítica-genética como área do conhecimento voltado para a construção inicial do texto, como arquitetura do pensamento, em relação às suas publicações formais, não pretende valorar mais o manuscrito em detrimento às edições impressas, mas tornar possível o encontro do esboço da obra com o leitor, o mesmo que emocionou um dos seus primeiros leitores: Mario de Alencar em 1907.

Para tal, recordamos Louis Hay, em *A literatura dos escritores*: questões de crítica genética (2007), pelo qual podemos entender que o manuscrito é uma ponte para a interpenetração do campo mental da con-

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/24366>>. Acesso em: 20 set. 2018.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/245038/4939>>. Acesso em: 20 set. 2018.

cepção da obra, mesmo que de forma superficial, entendendo que a materialidade do pensamento encontra barreiras inerentes ao próprio campo social que determina as formas de materialização do pensamento/criação.

### 5. *Considerações finais:*

A partir dessa prévia pretendemos dirimir os esforços para as três principais fases da pesquisa em andamento, quais sejam: levantamento do arcabouço teórico, recepção literária do romance nos periódicos da época, cotejo da primeira edição (1908) com o manuscrito (1907), sem com isso deixar de observar a edição crítica da obra elaborada pela Comissão Machado de Assis. A fim de dar conta do objetivo da pesquisa que pretende reconstituir o processo criativo do romance *Memorial de Aires* de Machado de Assis materializado no manuscrito em relação à versão publicada em livro pela Garnier em 1908, sob a perspectiva dos estudos críticos-genéticos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A IMPRENSA, Rio de Janeiro: 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/245038/4939>>. Acesso em: 20 set. 2018.

ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: ABL, 1907. (Manuscrito digitalizado). Disponível em: <<http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html>>. Acesso em: ago. 2018.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

\_\_\_\_\_. *Correspondências*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1944.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 1908. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_01/17197](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_01/17197)>. Acesso em: 21 set. 2018.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1908. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_04/17850](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/17850)>. Acesso em: 21 set. 2018.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica de Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro: 1907-1908. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/364568\\_09/15678](http://memoria.bn.br/docreader/364568_09/15678)> Acesso em: 21 set. 2018.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro: 1907-1908. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_02/27591](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_02/27591)>. Acesso em: 20 set. 2018.

MACHADO, Ubiratan (Org.). *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

O PAÍS, Rio de Janeiro: 1908. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/17516](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/17516)>. Acesso em: 20 set. 2018.

O PHAROL, Juiz de Fora (MG): 1908. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/24366>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SILVA, Mônica Gomes da. O (su)posto em *Memorial de Aires*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/O%20\(su\)\\_posto%20em%20Memorial%20de%20Aires.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/O%20(su)_posto%20em%20Memorial%20de%20Aires.pdf)> Acesso em: abr. 2019.